

## O CONTATO COM O “CAMINHO” (*DÔ*) ATRAVÉS DAS NOVAS RELIGIÕES JAPONESAS

*Andréa Gomes Santiago Tomita*

**RESUMO:** No Brasil, os adeptos das Novas Religiões Japonesas (NRJ) – em sua maioria, sem ascendência japonesa – buscam a religião, mas encontram muito mais. As artes da *ikebana* e da cerimônia do chá são exemplos disso. Na década de 1970, a Perfect Liberty e a Igreja Messiânica criaram seus próprios estilos de *ikebana*. Na Perfect Liberty, também foi criada o *Chadô PL*.

Neste artigo, descrevemos o *kadô* (caminho da flor ou *ikebana*) e o *chadô* (caminho do chá ou cerimônia do chá) praticado pelos adeptos dessas NRJ e suas relações com ambas as doutrinas. Observamos que através da prática da religião, adeptos – que em outras condições não teriam contato com a cultura e artes japonesas – conhecem e incorporam valores tradicionais japoneses em meio à sua busca de auto-aperfeiçoamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Novas Religiões Japonesas, Cultura Japonesa, *Dô* (Caminho/Artes Clássicas Japonesas), *Ikebana*, Cerimônia do Chá.

**ABSTRACT:** In Brazil, followers of Japanese New Religions (JNRs) - most of whom are not of Japanese descent - seek religion but are exposed to much more. The art of Ikebana and Tea Ceremony are some examples of this. From the 1970s, two JNRs - Perfect Liberty (PL) and Sekai Kyusei Kyo (known as Igreja Messiânica in Brazil) - have developed their own schools of *kado* (flower arranging, *ikebana*). Perfect Liberty has even created its own tea ceremony school called *Chado PL*.

Here, I explore the Japanese classical arts of *kado* and *chado* (tea ceremony) as practiced by these followers and their relations with both doctrines. I argue that through the practice of JNRs, followers who otherwise may not have had contact with Japanese culture and arts are introduced to traditional Japanese values and furthermore incorporate them into their daily lives while trying to improve themselves as human beings.

KEYWORDS: New Japanese Religions (JNRs), Japanese Culture, *Dô* (Japanese classical arts), *Ikebana*, Tea Ceremony.

## *Introdução*

No Japão, percorrer um “caminho” é muito mais do que seguir um determinado estilo artístico. O conceito de belo está no cotidiano, nas coisas simples como colocar uma flor no vaso ou preparar uma tigela de chá. A estética das artes japonesas está profundamente ligada à vida humana.

A respeito da noção de “caminho” na cultura japonesa, Gonçalves explica-nos que originariamente o conceito de religião era inexistente nas culturas tradicionais do Oriente e que, hoje, é expresso na língua japonesa através da palavra *shukyo* que “não passa de um empréstimo à língua clássica chinesa feito pelos eruditos do século XIX para traduzir o conceito ocidental de Religião. Segundo ele, “caminho” é um conceito mais amplo que religião, já que “o que conhecemos hoje por Religião era chamado de Lei, Doutrina ou Caminho. Assim, o que hoje chamamos de religião budista outrora recebia o nome de Caminho de Buda (*Butsudô*, em japonês)” (2004:20).

O conceito de “caminho” (*Marga* em sânscrito, *Tao* em chinês, *Michi* ou *Dô* em japonês) engloba componentes religiosos, filosóficos, artísticos e até científicos. Quanto à relação entre o Budismo (ou *Butsudô* – Caminho de Buda) e as atividades artísticas, Gonçalves esclarece que não se trata de uma criação arbitrária dos japoneses. Tal relação possui fundamentos escriturísticos, dentre os quais o *Sutra da Guirlanda de Flores* (*Avatamsaka* em sânscrito, *Kegon* em japonês), que exerceram grande influência sobre a formação e o desenvolvimento da cultura japonesa.

(...) “Na exposição referente à Quinta Terra, denominada *Difícil de Conquistar* (*Sudurjaya* em sânscrito, *Nansho-ji* em japonês) é dito que, nesse grau, deve o Bodhisattva se adestrar no conhecimento das diferentes artes e ciências profanas, para melhor servir os seres viventes. A Poesia, o Teatro, a Música, a Narrativa, a Música, o Humorismo, a Jardinagem e a Floricultura são algumas das atividades arroladas pela Escritura, várias das quais foram mais tarde elevadas pelos japoneses ao nível de Caminhos. Não poucos mestres budistas japoneses foram também cultores de uma ou várias dessas artes.” (2004:23)

O *kadô* e o *chadô* são exemplos de “caminhos de auto-aperfeiçoamento”, respectivamente, através da *ikebana* e da cerimônia do chá. O XVI Grão-Mestre Sen

Soshitsu do Chadô Urasenke<sup>1</sup> explica que o auto-aperfeiçoamento através do Caminho relaciona-se à consciência de que desbravá-lo depende de si mesmo, isto é, do seu próprio esforço. E, citando Sen no Rikyu (1522-1591), diz que a determinação humana e força espiritual do ser humano é que sustenta o Caminho: “O desejo de adentrar o Caminho é que se transforma no Mestre”.(2004:9)

Por outro lado, a questão do auto-aperfeiçoamento quando inserida no contexto das Novas Religiões Japonesas (NRJ) ganha uma conotação que transcende o nível puramente individual. Segundo Matsuoka, “Muitas NRJ ensinam que a elevação individual se liga à elevação social, ou seja, o aperfeiçoamento (*shuyo*) não se limita ao indivíduo, mas interfere inclusive na sociedade. Em geral, mais do que uma reforma direta na sociedade, elas enfatizam a elevação individual através do *shuyo*” (2005:113 – tradução nossa).

### 1. *Alguns aspectos da noção de “caminho” na cultura japonesa – kadô e chadô*

*Michi ou Dô* (道) corresponde ao mesmo ideograma chinês para “caminho”, que é igual a *Tao*. No Taoísmo, são centrais as crenças de que o *Tao* é o princípio imutável que rege o universo e de que o segredo da vida é viver de acordo com o *Tao* (2000:98).

A relação de micro-macrocosmo em que o homem com sua natureza é parte de um todo maior, o *Tao* ou Caminho, é recorrente em filosofias orientais como a hindu e a chinesa medieval<sup>2</sup> (Chan in: MOORE, 1978) e pode ser observada também em diferentes “caminhos” da cultura japonesa. Por exemplo, o *chashitsu* - a sala tradicional de chá - é o microcosmo ou mundo particular do chá (2004:49). Também na caligrafia, cada ideograma é considerado um microcosmo que deve fundamentar-se na harmonia (1980:9).

Contudo, quanto à visão sobre o *dô*, Hajime Nakamura aponta que há diferenças entre as maneiras de compreender e viver o “caminho” mesmo nas diferentes culturas orientais. No caso dos japoneses - “artistas natos que possuem uma visão estética da realidade” - a noção de “caminho” é predominantemente artística uma vez que, através da Arte, eles expressam sua vivência dos conteúdos metafísicos e pragmáticos herdados, respectivamente, da Índia e da China (2004:20).

*Dô* é o sufixo denominativo de várias artes no Japão. Grosso modo, podemos dizer que há no Japão diversos “caminhos” ou expressões artísticas. Algumas destas são: o *kadô* (caminho da flor), *chadô* (caminho do chá), *judô* (caminho da flexibilidade), *budô* (caminho das artes marciais), *shodô* (caminho da escrita), *kendô* (caminho da espada) e *kodô* (caminho do incenso).

Vejamos a etimologia das palavras *kadô* e *chadô*. 華 (*ka*) é um ideograma que

1. Uma das escolas de chá que descendem de Sen no Rikyu (1522-1591). Por divulgar esta arte em longa escala e também no exterior tornou-se a maior escola de *chanoyu* do Japão.

2. [http://www.orientalismo.kit.net/oriente\(09\).htm](http://www.orientalismo.kit.net/oriente(09).htm)

significa “flor” e 道 (*dô*) significa “caminho” isto é, “caminho da flor” em termos gerais chamado de *ikebana*. *Chadô* ou *sadô* (茶道) significa “caminho do chá”, normalmente chamado de “cerimônia do chá”

*Dô* envolve um significado mais espiritual do que material. O “caminho” é a trajetória que o artista tem de percorrer para chegar à perfeição, à iluminação de Buda e representa uma rigorosa disciplina espiritual<sup>3</sup>

A tradição de utilizar de flores como objetos de sacrifício foi introduzida no Japão através do Budismo vindo da China, em meados do século VI. (Shusui, 1980:17)

Sobre o “sentido religioso” da *ikebana*, o jornalista Hiroshi Noguchi tece os seguintes comentários: “A flor purifica o coração das pessoas, cura as dores da alma, incentiva e encoraja a todos. A flor toca o coração das pessoas atuando livremente sobre elas. Ela consegue encorajar as pessoas porque possui vida. O *ikebana* rouba incalculáveis vidas das flores e, em compensação, desperta nas pessoas o sentimento do belo. Podemos sentir aí o segredo do *ikebana* que é semelhante ao modo de vida do ser humano” (2002:76)

No entanto, analisando a história da *ikebana*, percebe-se que as complicadas regras de composição artística impediram que sua prática abrangesse o povo em geral. Por longo tempo, o *kadô* foi um privilégio da nobreza e do clero. É apenas no século XVIII que a *ikebana* passa a ser praticada por comerciantes e pessoas comuns. (Shusui, 1980:17-20)

É também a partir da China, por intermédio dos monges budistas, que introduziu-se no Japão o costume de beber chá. No século XIII, há uma valorização das normas de preparo e degustação do chá intimamente ligadas ao espírito Zen que culmina com o aperfeiçoamento do *chanoyu* por Sen no Rikyu, no século XVI. (2004:26)

O XVI Grão-Mestre Sen Soshitsu cita um ensinamento zen-budista ao se referir ao fato de que o *chadô* é um “caminho” vasto e infinito de aperfeiçoamento espiritual: “Se te mantiveres sereno, quando a primavera chegar, a relva surgirá por si mesma” [兀然無事坐春來草自在]. Isto é, assim como a relva surge naturalmente na primavera, caso haja concentração e esforço no seu auto-aperfeiçoamento, chegará o momento de se alcançar a Iluminação. (2004:9)

O ensino da cerimônia do chá, segundo os princípios da Escola Urasenke, é dividido em três aspectos: *dô* ou “caminho” – o que transforma a arte em uma disciplina espiritual; *jitsu* ou a prática desta arte e por fim o *gaku*, ou conhecimento intelectual. (...) Unindo-se estes três aspectos – espiritual, formal e intelectual – aprende-se a ser um *chajin*, isto é, o indivíduo que vive para o *chanoyu*. Seu aprendizado leva uma vida inteira até que o aluno esteja apto a caminhar com desenvoltura por todo o universo simbólico do mundo do chá. É por isso que se trata de um “caminho” algo que se aprende enquanto se vive. Não importa a chegada, mas percorrer o “caminho” (Rocha, 1996:133-134)

3. <<http://www.desa.com.br/desa2/cultura>>

*O aspecto dô é atingido pela união entre a prática do temae<sup>4</sup> e do conhecimento da simbologia do mundo do chá. Preparar e servir o chá torna-se uma espécie de meditação. A prática do temae (como meditação) objetiva a libertação da mente das preocupações do corpo, e a construção da consciência do ambiente através da concentração. (Mori in: Rocha, 1996:137)*

## 2. Os Fundadores e sua ligação com diferentes “caminhos”

Antes de tratar sobre a noção de “caminho” relacionada a aspectos doutrinários das duas NRJ em questão - a Perfect Liberty (PL) e a Igreja Messiânica Mundial (IMM) – buscaremos, em linhas gerais, contextualizá-las e abordar a ligação de seus Fundadores com diferentes “caminhos”; seja o Caminho de Buda como é o caso de Tokumitsu Kanada (precursor da PL) e Tokuharu Miki – Primeiro Fundador da PL, ou o Caminho da Arte como é o caso de Mokiti Okada.

A Hito-no-Michi (Caminho do Homem) criada em 1925 pelo Primeiro Fundador Tokuharu Miki deu origem à PL - Perfect Liberty estabelecida oficialmente em 1946, no Japão. As bases da Hito-no-Michi provém da seita Mitakekyo-Tokumitsu Daikyokai, fundada em 1912 por Tokumitsu Kanada.

Tokumitsu Kanada (1863-1919) - precursor da PL - desde pequeno, teve grande veneração pelo bonzo budista Kobo Daishi e foi adepto da seita Shingon-shu. Kanada era um jovem preocupado com o aprimoramento pessoal e constantemente fazia peregrinações ao templo milenar de Kobo Daishi. A partir do contato com os ensinamentos deste monge budista, por volta dos 22 anos, sentiu-se iluminado. Formulou, então, os 18 preceitos da posterior PL e também a prática de *Ofurikae*<sup>5</sup>. Passou a atender pessoas doentes e ganhou fama de curador. Em 1911, conseguiu autorização para abrir uma Igreja junto à seita xintoísta Mitake.

Tokuharu Miki (1871- 1938) – Primeiro Fundador da PL – aos oito anos de idade, era discípulo de Daidou Fukuzan. Tornou-se bonzo zen-budista da Seita Oubaku e serviu em diversos templos budistas. Curado de forte tosse asmática por Tokumitsu Kanada através do *Ofurikae*, em 1916, tornou-se sacerdote e discípulo da seita de Kanada. Após a morte de seu mestre, Tokuharu Miki prossegue suas atividades religiosas e, em 1931, atua como líder da seita Fusso Kyo Hito-no-michi, popularmente conhecida por Hito-no-Michi. O desenvolvimento expansivo dos ensinamentos da Hito-no-Michi provocou choques com o governo militar da época, que via as novas religiões como uma ameaça ao poder da época. (Silva, 2000:18-20)

Em 1936, é preso Tokuharu Miki Segundo Fundador da PL que seria libertado apenas por ocasião do término da Segunda Guerra Mundial, em 1945. (PL 30 anos:7). A doutrina transmitida pelo Segundo Fundador propagou-se por todo o

4. *Temae*: gestos que compõem cada tipo de preparação do cerimonial do chá (Rocha, 1996: glossário).

5. Absorção da doença de outrem em si mesmo e posterior purificação. Também chamado de *Omigawari* ou prática de transferência.

território do Japão e para outros países. Ele desenvolveu, além das atividades religiosas, atividades educacionais (fundou o Colégio PL); científicas (incentivou a medicina, a informática e a biotecnologia); artísticas (escreveu poesias, fez pinturas, compôs músicas) e culturais (ikebana e cerimônia de chá). Como religioso, procurou a cooperação entre as religiões para a concretização da Paz Mundial. Foi eleito Presidente Honorário da Liga das Novas Religiões Japonesas diversas vezes e no Ocidente, buscou diálogo com a Igreja Católica Apostólica Romana. Encontrou-se com o Papa Paulo VI em 1973 e com o Papa João Paulo II em 1980.

Em 1983, com o falecimento de Tokuchika Miki, seu filho adotivo Takahito Miki tornou-se o Terceiro Fundador da organização e, desde então, assumiu a responsabilidade máxima pela instituição (Silva, 2000:26).

.....  
Mokiti Okada (1882-1955) é o fundador da Igreja Messiânica Mundial (IMM) instituída no Japão, em 1935. O objetivo da IMM é a construção do Paraíso Terrestre – um mundo isento de doença, miséria e conflito. Tem no *Johrei*<sup>6</sup> o seu principal instrumento de difusão, mas também promove outras atividades que visam ao aperfeiçoamento do ser humano (Matsuoka, 2005:113).

No início do século XX, Okada desejou a salvação da humanidade. Para tal, instituiu no Japão uma NRJ conhecida no Brasil por Igreja Messiânica Mundial do Brasil (IMMB) ou, mais recentemente, por *Johrei Center*. Além destas nomenclaturas, o brasileiro pode conhecer as idéias de Okada através de outras vertentes: Templo Luz do Oriente, MOA Panamericana, Shinji Shumei Kai e Seimei-kyo.

Okada atuou em vários campos do conhecimento humano: foi comerciante; colecionou obras de arte; construiu museus e jardins, dentre outras atividades. Relativamente à saúde física do ser humano, deixou uma metodologia específica sobre agricultura, alimentação e novos conceitos sobre as causas das doenças<sup>7</sup>

Apresentou a Arte como a representação do Belo e como meio para a elevação dos sentimentos humanos. Desde muito jovem, esforçou-se no aprendizado das belas-artes e interessou-se por diversas formas artísticas: estilo *Rin* e as cerâmicas japonesas; arte contemporânea; pintura tipicamente japonesa; *ukiyo-e*; pinturas a tinta carvão *higashiyama*; escritas antigas; caligrafias chinesas; cerâmicas e porcelanas da China e da Coréia. Praticou o *kadô* e apreciava o *chadô*. Contudo, sem limitar-se ao estilo oriental, escreveu inclusive sobre as tendências da arte mundial da sua época. Frequentava exposições, visitava templos e monumentos e mantinha contato com diversos artistas. No pós-guerra, a fim de evitar a evasão de obras artísticas japonesas para o exterior, passou a adquiri-las e, posteriormente, construiu

6. Rito praticado pelos membros da Igreja Messiânica em que se faz a transmissão de energia cósmica para a purificação do espírito e da matéria.

7. A partir de 1935, Okada inicia pesquisas sobre Agricultura Natural. Visando difundir sua nova proposta de saúde, em 15/05/1936 institui a Associação Japonesa de Saúde (*Dai Nipon Kenko Kyokai*) que, em julho, é dissolvida devido à proibição judicial. Nos anos de 1942 e 1943, publica livros como "A Medicina do Futuro" e "A Verdadeira Face da Tuberculose".

os Museus de Belas Artes de Hakone e Atami, hoje chamados de Museu MOA. Com o intuito de criar modelos da sua ideologia, construiu os Solos Sagrados de Hakone e Atami, no Japão, os quais chamou de Protótipo do Paraíso Terrestre<sup>8</sup>

### 3. A noção de “caminho” e as doutrinas da Perfect Liberty e da Igreja Messiânica

A noção de “caminho” pode ser vista tanto na PL quanto na IMM, sendo bastante rica, principalmente se analisada da perspectiva doutrinária. Contudo, neste artigo, limitaremos a alguns pontos relevantes relativos ao *michi* ou *dô*<sup>9</sup>

“Hito-no-Michi” ou “Caminho do Homem” é o nome anterior à PL – Perfeita Liberdade, em português. Ou seja, na sua origem, a PL busca “o caminho máximo para o homem trilhar” E mais. Embora biologicamente diferenciados, existe um caminho para o homem e outro para a mulher. O homem faz gerar e a mulher gera. Ele propicia à mulher condições para gerar. São dois caminhos diferentes (Souza e Albuquerque, 1995:33).

A PL ensina que os vícios espirituais causam infelicidade ao ser humano, como doenças, desarmonia, acidentes, sofrimentos em geral, etc. Eles também provocam desvios de caráter, contrariando o “caminho” que rege a existência humana. Conhecer os ensinamentos que constituem esse “caminho natural” constitui o objetivo da fé PL.

.....  
Na IMM, por sua vez, o conceito de *Izunome*<sup>10</sup> – grosso modo, “caminho do meio” – constitui uma das principais teorias defendidas por seu fundador Mokiti Okada. No Japão, *Izunome* integra inclusive o nome de uma das afiliadas da IMM: *Sekai Kyusei Kyo Izunome Kyodan* cuja a tradução literal seria respectivamente: mundo, salvação, igreja, *izunome*, organização.

Em nosso estudo da doutrina messiânica, verificamos 26 salmos<sup>11</sup> de autoria de Okada, em que o termo “caminho” ou a ação de “caminhar” está presente. Observamos que, por vezes, “caminho” significa “fé” ou “caminho da fé”:

a) **“Embora eu seja tão fraco, utilizai-me, ó Deus *Miroku Ookami*, como vosso instrumento neste Caminho.”**

b) **“Neste mundo, não há outra alternativa para o homem a não ser o Caminho da Fé.”**

8. Tais informações foram retiradas do livro *Luz do Oriente*, que é a biografia do Fundador da IMM.

9. Sobre os aspectos doutrinários da PL e IMMB, sugerimos a leitura de nossa dissertação de Mestrado.(Tomita,2003)

10. Um dos princípios básicos da doutrina messiânica, que consiste no cruzamento dos princípios vertical (*shojo*) e horizontal (*daijo*). A prática do espírito de *izunome* leva ao respeito aos limites, à eliminação de pensamentos e atitudes extremadas, bem como a harmonia entre os opostos.

11. Embora o termo salmo remeta à tradição cristã do livro dos salmos (*shihen* 詩篇), os salmos de Mokiti Okada correspondem ao poema japonês com 31 sílabas (*waka*).

Na literatura da IMMB, há um livro que contém um capítulo de salmos intitulado “Caminho do Homem” (人の道 – *hito no michi*) (2000). Nestes salmos, a ênfase é dada ao caminho correto a ser percorrido pelo homem. Neste caso, verificou-se uma certa semelhança com a noção de “caminho do homem” ensinada na PL.

Abaixo, transcrevemos três salmos de Mokiti Okada relacionados ao assunto:

a) **“Nobre é o homem que tem seu pensamento dirigido, a todo momento, para a Causa Divina, orando pelo bem do mundo e do próximo.”**<sup>12</sup>

b) **“Homem forte é aquele que, esquecendo-se de si mesmo, percorre o caminho correto.”**  
– *tadashiki michi*

c) **“Se o homem trilhar o caminho correto, despojado de sentimentos egoísticos, receberá grandes e abundantes bênçãos.”**  
– *tadashiki michi*

Além da noção de “caminho” integrar aspectos doutrinários da PL e da IMM que relacionam-se à busca pelo aperfeiçoamento humano, observamos que ambas desenvolvem atividades relativas a “caminhos” ou expressões artísticas tradicionais japonesas. Dentre estas, nos deteremos ao *kadô* e ao *chadô* que embora sejam artes tipicamente japonesas, podem ser consideradas bastante familiares aos adeptos peelistas e messiânicos do Brasil.

### 3. Os “caminhos” e as Novas Religiões Japonesas

Em um país cuja composição étnica é tão rica como o Brasil, não são raras as oportunidades de contato com as mais variadas expressões culturais estrangeiras. Nos grandes centros urbanos como São Paulo, tal contato é intenso. Mas como uma arte milenar japonesa – a *ikebana* – se tornou conhecida até nas cidades mais distantes do interior do nosso país?

Não obstante a quantidade de escolas de *ikebana* existentes no Brasil – componentes da Associação de Ikebana do Brasil, com sede no bairro da Liberdade, em SP, que há muito contribui para a difusão desta arte através de cursos e eventos culturais – verifica-se que muitos adeptos de NRJ são praticantes da arte da *ikebana*, porém, tendo aprendido sua técnica e filosofia em suas respectivas unidades religiosas.

*A arte da ikebana e a cerimônia do chá são também elementos incorporados no arsenal religioso da doutrina da PL, tendo suas bases no Zen-Budismo, umas das mais enigmáticas formas budistas.* (Silva, 2000: 36)

12. Note-se que “para a Causa Divina” é a tradução de 「道の為 *michi no tame*」



Segundo Souza e Albuquerque, na PL, as atividades como o *kendo*<sup>13</sup> (caminho da espada) ou a *ikebana* são voltadas respectivamente aos meninos e meninas a fim de proporcionar a “oportunidade para o desenvolvimento da disciplina e responsabilidade dos meninos e da meiguice e docilidade das meninas preparando-os, segundo a doutrina da PL, para viver os papeis apropriados ao homem e à mulher” (1995:34).

Na PL, além do *kadô* e do *chadô* – considerados “caminhos de auto-expressão” – ocorre também a prática da composição de *tanka* (poema japonês de 31 sílabas) entre os adeptos no Japão. O *kadô* (歌道) ou “caminho da poesia” também é utilizado como forma de treinamento do princípio básico da PL: “Vida é Arte”. No Brasil, na década de 70, houve uma tentativa de se compor trovas ou poesias curtas. Contudo, atualmente, esta prática restringe-se a cerca de 10 adeptos japoneses que, mensalmente, enviam suas composições à matriz da PL no Japão.

### 3.1 O Kadô PL (華道)

Em outubro de 1974, o *Kadô PL* foi criado no Japão pela Mestre Iwasa Shizue, com base na orientação do Segundo Fundador. É uma espécie de combinação das teorias do estilo *Sogetsu*<sup>14</sup> com princípios doutrinários peelistas e, inicialmente, sua prática foi bastante incentivada pela esposa do 2º Fundador, Kagemi Oyasamá.

No Brasil, as aulas de *ikebana* são mensais e realizadas no salão principal de algumas filiais da PL. No início das aulas, os praticantes proferem em voz alta um juramento para praticarem a *ikebana*. Em geral, cerca de metade dos participantes são adeptos sem ascendência japonesa. Eventualmente, há a participação de algum não-adepto que une-se ao grupo por indicação de algum aluno. As professoras do *Kadô PL*, em geral, são esposas de mestres orientadas pela mestre Satiko Suda – esposa do Mestre Superior da PL do Brasil – e têm aulas práticas com a Mestre Sayuri Takanami<sup>15</sup>

*Quando se ouve falar de ikebana, costuma-se pensar que se trata apenas de arranjos de flores. Entretanto, ikebana é “Kadô” ou seja, um caminho de treinamento. E tudo que tem nome de Caminho tem sua profundidade. Oshieoyá-Samá nos ensina que “Vida é Arte” (...) No encontro com a flor, há grande dramaticidade. Para nós (peelistas), esse encontro tem um significado muito importante: da mesma forma que é importante o encontro com o ser humano, é uma entrevista com a flor que tem vida (...). Podemos dizer que aprendemos ikebana para saber dar importância ao “encontro” com nossa vida e para conhecer sua infinita profundidade. Não existem dois elementos, duas flores iguais neste mundo, por isso, o encontro*

13. Verificamos que o *kendô* é praticado apenas por peelistas na Escola PL, em Tondabayashi, Japão.

14. O estilo *Sogetsu* foi fundado em 1927 por Sofu Teshigahara (1900-1979), no Japão. Baseia-se na tradição japonesa, mas atende às mudanças da época contemporânea. Foi introduzido no Brasil em 1954. (2002: 59-60)

15. Entrevista à Mestre Sayuri Takanami, em 29 de março de 2004.

com esse ramo, com essa flor acontece uma única vez e não volta a acontecer<sup>16</sup>.

No trecho acima, a importância do encontro com a flor é comparada ao encontro com a vida. O “momento único” ou “encontro exclusivo”, em japonês *ichigo ichie* (一期一会), é também um elemento importante na Cerimônia do Chá. Tudo acontece uma única vez; todo encontro é único. Daí, toda dedicação para servir uma tigela de chá ao convidado constituir a base do espírito do chá.

No Budismo, a expressão *ichigo* (一期) significa um período específico de aprendizado e treinamento básicos. A partir daí, é comparado à vida ou tempo de vida de um ser (one's lifetime). (1995: 126) Neste sentido, *ichigo ichie* expressa o conceito de que cada momento é único, exclusivo na vida humana. A efemeridade da vida da flor e o seu “encontro único” com o praticante demonstra um traço do pensamento budista presente no *Kadô PL*.

### 3.2. A Ikebana Sanguetsu, da Fundação Mokiti Okada

Embora sejam instituições religiosas, as NRJ, na realidade, atuam em outras áreas. Em geral, o caráter abrangente de suas doutrinas ou filosofias permite a introdução de uma grande variedade de serviços e produtos<sup>17</sup>, além de possuir um público-alvo cujo interesse é bastante heterogêneo.

Em 1971, a IMMB instituiu a Fundação Mokiti Okada (FMO) com o objetivo de desenvolver atividades ultra-religiosas<sup>18</sup> que contribuam para o desenvolvimento global do ser humano e para a formação de um mundo melhor.

Uma destas atividades – a prática da *ikebana* – é desenvolvida pela Academia Kado Sanguetsu que pretende levar a filosofia de Mokiti Okada através de um estilo próprio de *ikebana*. Fundada no Japão em 1971 pela então 3ª Líder Espiritual Itsuki Okada – filha de Mokiti Okada – a *Ikebana Sanguetsu* (instituída no Brasil em 1974) baseia-se nas idéias de Okada sobre a prática da *ikebana* como um “caminho” de aperfeiçoamento interior e melhoria da sociedade.

No Brasil, a flor do Sanguetsu é utilizada para incentivar o auto-aperfeiçoamento humano ou a elevação da espiritualidade, além de aproximar pessoas que têm o ideal de criar um mundo melhor, independente do credo religioso.

O professor de *ikebana* Erisson de Thompson Lima Júnior – coordenador

16. Texto fornecido pela Assistente de Mestre Neuza Yutaka, atuante na filial da PL de Santo André –SP.

17. A este respeito, José Guilherme Magnani, pesquisador de Antropologia da USP, ressalta que a oferta regular de produtos e serviços proporcionada e mantida pelo circuito neo-esotérico é uma das características dos movimentos de Nova Era. Embora as NRJ não se enquadrem completamente neste circuito, os alunos de um curso de Ikebana Sanguetsu certamente têm acesso a um mesmo universo cultural, visão de mundo e sistema de valores, podendo, além da técnica, estar em busca de autoconhecimento e espiritualidade. Tal dinâmica de crescente importância da vida contemporânea relaciona-se também ao uso do tempo livre que, segundo o autor, é tido como um investimento para a melhoria da qualidade de vida, cultivo de potencialidades pessoais e outros (2000:54-55).

18. Mokiti Okada escreve o artigo “Ultra-Religião” (1987) em que lança a idéia de uma religião de caráter abrangente que, além da religião, contenha outros aspectos da cultura como arte, ciência, filosofia, etc.

nacional da *Ikebana Sanguetsu* – relatou-nos que, desde a década de 80, ele e outros professores da Academia visitam regularmente diversas regiões do país a fim de divulgar o “caminho da flor”. Atualmente, há professores de *Ikebana Sanguetsu* radicados por todo país ministrando aulas de *ikebana* a alunos que, em sua maioria, não são filiados à IMMB.

No tocante à técnica, a *Ikebana Sanguetsu* norteia-se por cinco princípios básicos inspirados na filosofia e prática de *ikebana* do próprio Fundador:

1- Vivificar com naturalidade; 2- Vivificar imediatamente; 3- Vivificar como se estivesse pintando um quadro; 4- Vivificar considerando a harmonia do conjunto e 5- Vivificar com alegria.

Em parte, o aprofundamento dos princípios básicos da *Ikebana Sanguetsu* leva o aluno a entrar em contato com elementos culturais essencialmente japoneses. Por exemplo, o princípio “vivificar com naturalidade” enfatiza, dentre outros aspectos, o de vivificar as flores da época, de acordo com a estação do ano. O respeito à natureza é uma das tônicas deste estilo. Neste mesmo princípio, temos também a importância das estações do ano, no Japão, fator presente tanto na vida do povo japonês quanto nas suas manifestações artísticas.

No Brasil, nem sempre somos influenciados pela mudança das estações do ano. No entanto, o praticante da *Ikebana Sanguetsu* vai gradualmente sendo “levado” a ficar mais atento às diferenças de flores, plantas e hábitos conforme as quatro estações do ano.

Por outro lado, observando os diversos materiais didáticos produzidos pela *Ikebana Sanguetsu*, encontramos várias referências ao Japão e a sua cultura. Aulas temáticas em que se utilizam vasos com motivos japoneses como o *tsuru* (grou) – um dos símbolos da longevidade no Japão – ou o Monte Fuji são formas de apresentar o país do sol nascente e, ao mesmo tempo, reforçar o aspecto cultural da prática de *ikebana*.

No início do ano letivo da *Ikebana Sanguetsu*, acontece a Cerimônia do *Hatsu-Ike* (Primeira Flor do Ano). (2002: 50) A própria idéia de algo que se faz ou acontece pela primeira vez no ano já é particularmente japonesa, a lembrar: *hatsu-yume* (primeiro sonho do ano); *hatsu-basho* (a primeira temporada de sumô do ano); *hatsu-mode* (a primeira visita ao templo xintoísta no ano); *hatsu-yuki* (a primeira neve do ano); *hatsu-gama* (a primeira cerimônia do chá do ano), entre outras expressões.

O princípio “vivificar como se estivesse pintando um quadro” associa a *ikebana* com a pintura (oriental), onde a expressividade está no vigor dos traços, na agilidade, na harmonia das linhas e das formas. Segundo Okada, o contato e treinamento na apreciação de obras qualidade aprimoram a sensibilidade pessoal.

“Vivificar com harmonia” sugere que na composição da *ikebana* deve-se levar em conta os elementos que constituem o ambiente onde ela será colocada e apreciada. Só a perfeita integração da *ikebana* com o espaço que a circunda resultará num verdadeiro trabalho de valor artístico. O menor desequilíbrio ou incompatibilidade que fira o conjunto pode prejudicar o resultado final (Domingues, 2001:72).

A noção de harmonia (和/ *wa*) enfatizada por Okada em termos doutrinários

pode ser compreendida no artigo “Dialética da Harmonia”(1987). Tal noção aplicada à *ikebana*, diz respeito à harmonia do conjunto, do ambiente.

Harmonia é uma característica de toda arte japonesa. É valorizada em diversas expressões artísticas: desde a arquitetura dos jardins zen até os traços da caligrafia japonesa. Desde a época de Shotoku Taishi (572-621) o espírito de 大和 (*yamato* grande harmonia) é parte integrante da *ikebana* (Shusui, 1980: 9). Lembremos que o Japão também é chamado de *Yamato* (大和) ou “grande harmonia” O assunto parece-nos por demais abrangente, contudo, optamos por assinalar apenas que a prática da *Ikebana Sanguetsu* também leva à incorporação da ideologia de harmonia – tão intrínseca à arte e cultura japonesa.

### 3.3. *Chadô PL*

A cerimônia do chá consiste em um ritual para preparar e degustar o chá.

Segundo Rocha, o *chanoyu* (*chadô* ou cerimônia do chá) é um importante meio de transmissão de valores da cultura japonesa e por isso seu aprendizado vem sendo tão valorizado desde o século XVI. Possivelmente seja “a última arte tradicional japonesa a ser desvendada pelos olhos do ocidente, visto que a *ikebana*, o sumiê, as artes marciais, a arquitetura e a culinária japonesa há muito têm atraído a atenção dos ocidentais (1996).”

Conforme dito anteriormente, através das NRJ, um adepto ou um simples simpatizante da religião pode, com relativa facilidade, entrar em contato com este mundo tão peculiar.

O estilo *Chadô PL* foi criado pela Mestre Kaoru Uehara, em 1965, seguindo as orientações do Segundo Fundador Tokuchika Miki para que os peelistas pudessem melhor assimilar os ensinamentos por meio da prática da cerimônia do chá. O estilo está baseado nos ensinamentos da PL e vem sendo ensinado nas diversas filiais do Japão e do Brasil.

No *Chadô PL*, há uma tigela de chá (*chawan*) especial. Em uma parte desta tigela, observa-se o ideograma 芸 (*gei*, cujo significado em português é “arte”) escrito em japonês pelo Segundo Fundador. Estes *chawan* são utilizados somente em ocasiões especiais. O *Chadô PL* visa ao aprimoramento das formas e movimentos e, principalmente, ao aprimoramento espiritual.

O Segundo Fundador também caligrafou a palavra 一心 (*isshin*) que é exposta na ocasião da realização do *Chadô PL*. A respeito do seu significado, ele explicou: “O sentimento de *makoto* (sinceridade, amor e dedicação) inerente ao ser humano comunica-se a Deus e assim, recebe-se a sua Inteligência Infinita. *Isshin* significa este estado de espírito” (1986).

*O movimento de oferecer o chá, representa o sentimento de humildade e gratidão por tudo que acontece à nossa volta, acatando como vontade divina.*

*Ao incorporar o estado de espírito de humildade e gratidão conseguirá adaptar-se à obra divina com sinceridade sendo agraciado com intelecto aguçado e também podendo vencer todo e qualquer obstáculo. Assim o PL chadô, tem um conteúdo maravilhoso. Durante a realização da cerimônia há o cumprimento, quando*

*se fica cabisbaixo por alguns segundos. É o momento em que se busca assimilar a postura de acompanhar o sentimento alheio dentro de nossas vidas. Um casal que consegue acompanhar o sentimento mutuamente, a ponto de respirarem juntos, tem uma família alegre e feliz.*

*Os movimentos executados de forma delicada e polida são um treinamento para que possa viver com Makoto (dedicação), ou seja, imbuir sentimento em nossas palavras e ações do dia-a-dia.<sup>19</sup>*

O texto acima associa traços da cerimônia do chá a aspectos que se deseja enfatizar da doutrina pealista: *makoto*, harmonia congugal, sentimentos de humildade e gratidão.

O trecho “A cerimônia do chá PL visa ao aprimoramento das formas e movimentos e, principalmente, ao aprimoramento espiritual” corrobora a idéia de que as NRJ utilizam-se de aspectos culturais japoneses para legitimar suas bases doutrinárias relativas ao *shuyo* ou aperfeiçoamento pessoal. Ao mesmo tempo em que o *chadô* – uma referência cultural tipicamente japonesa – é apresentada ao adepto brasileiro, também é usada com fins doutrinários.

Aqui somos levados a pensar sobre a dificuldade de separar religião e cultura quando se pensa em Japão. Tanto a cerimônia do chá quanto a *ikebana* estão impregnadas da cultura budista e, conseqüentemente, podem funcionar perfeitamente como uma espécie de “trilho cultural” capaz de conduzir aos universos religiosos específicos das NRJ.

Por outro lado, a influência do Taoísmo e do Budismo faz com que as artes japonesas ou “caminhos” sejam expressões da união humana com o sagrado. Desta forma, naturalmente os elementos das artes japonesas estarão impregnados de uma certa religiosidade anterior àquela desejada pelas NRJ que delas se utilizam.

### *3.4. A prática da Cerimônia do Chá, na IMMB*

Na IMMB, observou-se que não houve a criação de um estilo de cerimônia do chá específico, como no caso da PL. Contudo, motivados pelo gosto de Okada por tal arte, os messiânicos também apreciam a cerimônia do chá. No final da década de 90, inspirada pelas orientações da 3ª Líder Espiritual sobre o *chadô* constituir uma arte completa, que engloba diversas expressões artístico-culturais – *ikebana*, caligrafia, cerâmica, arquitetura etc. – a FMO voltou a incentivar a sua prática e apreciação iniciadas na década anterior. Embora se tenham construído salas de chá na Sede Central e no Solo Sagrado da IMMB, em São Paulo, a prática da cerimônia do chá restringe-se a um grupo reduzido de pessoas que regularmente frequenta ao Centro de Chado Urasenke do Brasil, com sede no bairro da Liberdade SP, e realiza apresentações dirigidas aos membros em geral, por ocasiões de grandes eventos.

19. [www.perfectliberty.org.br](http://www.perfectliberty.org.br)

## *Epílogo*

Uma análise superficial sobre o povo japonês ou seu país pode conduzir a conclusões como: “os japoneses são extremamente religiosos” ou “a religião é uma marca constante na cultura japonesa”

De fato, observando a trajetória do *Butsudô* no Japão, verifica-se a influência de “caminhos” tidos como religiosos sobre a sociedade e as artes japonesas em geral. O Zen-Budismo, em particular, muito contribuiu para a constituição de “caminhos” – ou expressões artísticas – como a ikebana, cerimônia do chá, jardinagem e cerâmica.

Contudo, como ressalta Gonçalves, na cultura japonesa antes do conceito “religião”, há o conceito de “caminho”. Por outro lado, aquilo que se tem como “caminho”, ora se revela como ritual ou código complexo, assim como as religiões. Qualquer ocidental que se aventure a conhecer o Mundo do Chá ou da *Ikebana*, por exemplo, há de concordar conosco.

Em nosso estudo sobre as NRJ no Brasil, observamos que além da questão doutrinária relativa ao “caminho” existe a possibilidade de adeptos e simpatizantes contatarem e assimilarem noções culturais japonesas através das práticas dos diferentes “*dô*” ou “caminhos” da flor, do chá, da poesia etc.

A *Ikebana Sanguetsu* da Igreja Messiânica e o *Chadô PL* são exemplos deste contato e assimilação. Além das técnicas do *kadô* e do *chadô*, o praticante assimila noções culturais japonesas como a disciplina, a humildade, a importância da harmonia, proximidade com a natureza, etc. Enquanto isso, em termos religiosos, busca alcançar seu aperfeiçoamento como ser humano.

Neste sentido, constatamos que o arsenal religioso-cultural japonês presente no universo das NRJ constitui uma espécie de trilho que possibilita ao adepto brasileiro sem ascendência japonesa assimilar tanto uma doutrina religiosa específica quanto a cultura japonesa em geral e, assim, buscar a sua própria evolução pessoal através de uma espécie de caminho sobreposto; um misto de religião e arte.

## *Referências Bibliográficas:*

- Alicerce do Paraíso – Ensinos de Meishu-Sama*. São Paulo, Editora Fundação Mokiti Okada, julho 1987.
- BOWKER, John. *Para entender as religiões*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- DOMINGUES, Cláudio Moreno. “A arte da Ikebana de Mokiti Okada” Monografia do Curso de Pós-Graduação em História da Arte. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu, 2001.
- História de 40 anos da Associação de Ikebana do Brasil 1962-2002*. São Paulo: Associação de Ikebana do Brasil, agosto 2002.
- Luz do Oriente volumes 1, 2 e 3*. São Paulo: Editora Fundação Mokiti Okada, 1985.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *O Brasil da Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

- MATSUOKA, Hideaki. *Burajirujin to Nihon Shukyo – Sekai Kyusei Kyo no Fukyo to juyyo* (Brazilians and a Japanese Religion). Tokyo: Koubundou, 2005.
- MOORE, C. (org.) *Filosofia: Oriente, Ocidente*. In: Chan Wing-Tsit: “O Espírito da Filosofia Oriental – 02”. São Paulo: Edusp-Cultrix, 1978.
- “O conceito de Dô (Caminho) na cultura japonesa” *Do toshite no Nihon bunka*. São Paulo: Centro Chado Urasenke do Brasil, 2004.
- O Pão Nosso de Cada Dia – O Alimento Espiritual do Cotidiano / Ensinaamentos de Meishu-Sama*, São Paulo: Editora Fundação Mokiti Okada, 2000.
- PL Chado Buhen Oshi Itadaku Kokoro wo Manabu (Aprendizagem sobre o Sentimento do Chadô PL)*. Japão: Geijyutsu Seikatsusha, 1986.
- Revista Perfeita Liberdade 30 anos* (edição comemorativa). São Paulo, Editora Vida Artística, fevereiro 1988.
- ROCHA, Cristina Moreira da. “A Cerimônia do Chá no Japão e sua reapropriação no Brasil: uma metáfora da identidade cultural do japonês” Dissertação de Mestrado apresentada à USP – ECA, 1996.
- Shogakukan Dicionário Universal Japonês-Português*, Japan, Shogakukan, 1998.
- SHUSUI, K. & POINTNER, H. “Ikebana Spirit and Technique”. UK: Blandford Press, 1980.
- SILVA, J. C. Paulino da. “Entre o desejo e o desprendimento: a noção do dinheiro da Igreja Perfect Liberty do Brasil” *Cadernos do IFAN*. São Paulo: Universidade São Francisco – Instituto Franciscano de Antropologia, 2000.
- SOUZA, Beatriz M. e ALBUQUERQUE, Leila M. “Resistência Conservadora à Modernidade: O Caso de Uma Nova Seita Japonesa no Brasil” In: *Latin American Studies 14*. Japan: The University of Tsukuba, 1995.
- TOMITA, Andréa Gomes Santiago. “Um outro lado da moeda: Novas Religiões Japonesas como transmissoras de noções culturais japonesas – exemplos da Igreja Messiânica e Perfect Liberty” Dissertação de Mestrado em Letras Orientais – Japonês apresentada à Universidade de São Paulo, 2004.
- The Great Japanese Dictionary (Nihongo Dai Jiten), 2<sup>a</sup> ed. Japan: Kodansha, 1995.

Sites:

<http://www.desa.com.br/desa2/cultura>>

<http://www.messianica.org.br>>

[http://www.orientalismo.kit.net/oriente\(09\).htm](http://www.orientalismo.kit.net/oriente(09).htm)

<http://www.perfectliberty.org.br>>